

POLIFUNCIONALIDADE SINTÁTICO-SEMÂNTICA DO VERBO *Haver* EM PORTUGUÊS – UMA VISÃO FUNCIONAL

Bismarck Zanco de Moura (UFRJ)
dezanco@hotmail.com

RESUMO:

São apresentados, neste trabalho, usos variados do verbo *haver* em português. Tem-se como hipótese geral que, a partir de dois distintos processos de gramaticalização e em diferentes estágios de mudança (ou em andamento ou concluído), *haver* insere-se em novos contextos de uso e, em cada um desses, apresenta condições morfosintático-semânticas particulares. Analisam-se aqui diferentes categorias linguísticas nas quais *haver* é usado, além das já descritas pela tradição gramatical, a de verbo predicador e a de verbo auxiliar, e para tanto, valemo-nos de uma pequena amostra coletada em três gêneros textuais do jornal O Globo. Objetiva-se, com isso, não só demonstrar a riqueza de usos em torno de um item linguístico da língua portuguesa, como também expandir os olhares de todos aqueles que se interessam pelo estudo da linguagem.

Palavras-chave:

Descrição sintático-semântica. Língua portuguesa. Polifuncionalidade verbal.

ASTRATTO:

In questa comunicazione, sono presentati vari usi del verbo *esistere* in portoghese. Ha come ipotesi generale che, da due differenti processi di grammaticalizzazione e in differenti stadi di cambiamento (in corso o concluso), si verifici l'inserimento in nuovi contesti d'uso e, in ciascuno di questi, presenti condizioni morfosintattiche-semantica particolari. Analizziamo qui diverse categorie linguistiche in cui si usa utilizzare, oltre a quelle già descritte dalla tradizione grammaticale, quella del verbo predicatore e quella del verbo ausiliare, e per questo utilizziamo un piccolo campione raccolto in tre generi testuali del giornale Il Globo. Con ciò, l'obiettivo non è solo quello di dimostrare la ricchezza di usi intorno a un elemento linguistico in lingua portoghese, ma anche di espandere le opinioni di tutti coloro che sono interessati allo studio della lingua.

Parole-chiave

Descrizione sintattico-semantica. Lingua portoghese. Polifunzionalità verbale.

1. Introdução

Descreve-se, nesta pesquisa, a polifuncionalidade do verbo *haver* em diferentes estruturas sintáticas de três gêneros textuais do domínio jornalístico. Faz-se aqui, com base no modelo clássico da Linguística funcional, uma sondagem preliminar que viabilize a detecção das dife-

rentes categoriais linguísticas nas quais diferentes empregos de *haver* são usados. Analisam-se, de um lado, usos nos quais esse item assume (i) comportamento lexical e (ii) léxico-gramatical, na qual esse item é constituinte de estruturas indicativas da nuance semântica de tempo e, de outro, usos nos quais funciona como verbo auxiliar (iii) seja de outros verbos, (iv) seja de nomes, caso em que *haver* os habilita a predicar.

Concebe-se, neste estudo, que o item *haver* tem potencial multifuncional (sintático-semântico e (semi-)gramatical) em função da atuação de processos de gramaticalização, trajetória de mudança na qual um item lexical perde (algumas das) propriedades prototípicas de sua categoria primária e passa a funcionar em outras categorias. Acredita-se que o resultado da atuação desses processos seja a inserção de *haver* em vários tipos de categorias linguísticas, para além da categoria de verbo pleno/predicador nuclear. Esses usos emergentes de *haver* caracterizam-se por apresentar, além de variada configuração morfossintática, significação distinta, em função de desbotamento semântico.

Como problemas norteadores para este estudo cabem as perguntas: (i) Como e para que surgem novos usos na língua? (ii) O que é mais econômico para uma língua: Usar um item já disponível na língua e adaptá-lo para novas funções ou criar um item inteiramente novo? Como hipóteses, adotam-se as seguintes (i) *haver* é polifuncional na língua portuguesa, (ii) essa polifuncionalidade manifesta-se no domínio jornalístico cuja escrita tende a ser mais monitorada e (iii) em cada novo contexto de uso, assume uma configuração sintático-semântica específica. Demonstrar essa multifuncionalidade, especializada nesse domínio, oferecendo uma descrição preliminar que sirva de panorama dos usos distintos de *haver* na escrita jornalística constituem os dois objetivos desta pesquisa em fase inicial.

Na seção seguinte, demonstro a abordagem de usos de *haver* na visão de um gramático de orientação tradicional, cuja escolha se deve ao fato de o autor ter elaborado um capítulo específico destinado aos usos do verbo aqui em tela. Em seguida, aponto o referencial teórico adotado e descrevo brevemente o modo como foi coletada essa pequena amostra preliminar, a fonte desses dados, o período de coleta. Faz-se, posteriormente, a análise, na seção 4.1, dessas diferentes categorias de uso.

2. Revisão bibliográfica: Uma análise acurada em Domingos Paschoal Cegalla (2010)?

De modo geral, em livros didáticos e até em gramáticas canônicas do português, os verbos são apresentados de forma pouco rigorosa. Do ponto de vista semântico, por exemplo, muitas vezes, as unidades verbais têm sido descritas como se designassem apenas um tipo de informação, a de ação, embora, contraditoriamente, as mesmas gramáticas incluam nas seções/capítulos reservados à essa classe não só palavras que designem ação. Há, ainda, além desse, outros problemas que inviabilizam à compreensão mais ampla do funcionamento dessas unidades.

Um dos principais problemas da descrição tradicional é o fato de deixarem de mencionar o potencial polifuncional de muitos itens verbais, formas que, muitas vezes, inserem-se em diferentes categorias de uso. Estudos, nessa vertente tradicional, carecem, ainda, segundo Machado Vieira (2004), de uma descrição mais acurada da questão da auxiliaridade verbal. Nesta pesquisa, resolveu-se revisar apenas um autor, porque o verbo, em geral, recebe tratamento similar, que exclui categorias (semi-) gramaticalizadas e verbos (semi-)suportes¹. A consulta específica à gramática de Domingos Paschoal Cegalla (2010) justifica-se pelo fato de esse autor destinar um capítulo ao comportamento que o verbo *haver* pode assumir em diferentes estruturas do português. Essa revisão é acompanhada ainda de alguns comentários críticos quanto à sua eficácia descritiva.

Nessa gramática, a primeira menção ao *haver* encontra-se na seção “auxiliares” do capítulo que trata da classe dos verbos. Na seção, a forma verbal é apontada pelo autor como um dos principais verbos auxiliares da língua, ao lado de *ter*, *ser* e *estar*. Afirma que os auxiliares são verbos que se juntam à forma nominal de outro verbo para compor a (i) voz passiva, (ii) os tempos compostos e (iii) as locuções verbais. Cita o seguinte exemplo com o verbo *haver*: “Jacinto **havia chegado** naquele momento”.

Embora a construção complexa sublinhada constituída de auxiliar e verbo principal na forma nominal de particípio exemplifique a descrição do autor sobre a categoria dos verbos auxiliares, não há informação referente à que categoria o verbo auxiliar em negrito expressa. No exem-

¹ Verbos suportes e semissuportes são formas decorrentes de gramaticalização na trajetória de verbo predicador a verbo suporte.

plo do autor, o auxiliar marca a categoria gramatical de tempo, pretérito perfeito.

Adiante, o autor acrescenta que *haver* é usado na formação de tempos compostos da voz ativa, ao lado da forma nominal de particípio de um verbo principal, como em “Havíamos saído cedo”. Novamente, o autor não faz a indicação do que o auxiliar “Havíamos” ajuda a exprimir, a categoria de tempo. Nessa mesma seção, há um exemplo que demonstra a consciência da equivalência que *haver* tem com o verbo *Ter*, “Os dois tinham (ou haviam) sido vistos no cinema”. Não há, porém, menção às circunstâncias linguísticas dessa equivalência na língua que se restringe a certos contextos morfossintático-semântico e textual-discursivos e não a todos os contextos, como a descrição acaba por supor.

Na descrição dos auxiliares, limita-se a tratar da forma com a qual a locução verbal pode ser representada e essa seria a de “verbo auxiliar + forma nominal do verbo” (as quais podem ser: gerúndio, particípio e infinitivo). Apesar de serem fornecidas informações sobre a forma das locuções, não são comentadas outras características que enriqueceriam a descrição desse complexo verbal. Não se diz, por exemplo, que, nessa sequência, o verbo auxiliar não é responsável pela projeção da oração que consistiria na seleção de argumentos (sujeito e complementos); e que, no âmbito da morfologia, o auxiliar assume as marcas morfológicas de tempo-modo-aspecto e número-pessoa, essas em conformidade com o sujeito gramatical, caso haja. Ou ainda que verbos auxiliares não são responsáveis pela atribuição de papéis temáticos, apesar de reconhecermos que esse sistema semântico não integra a descrição tradicional.

No capítulo intitulado “Emprego do Verbo Haver”, nota-se, em certa medida, uma análise mais acurada de usos desse verbo, que chega a ser mais ampla do que a que oferecem autores mais representativos, como Cunha e Cintra (2008). O autor inicia-o fazendo a distinção entre empregos pessoais e impessoais. Quantos aos empregos pessoais, aqueles em que as frases são dotadas de um constituinte a que é atribuído o papel sintático-gramatical de sujeito, aponta as seguintes possibilidades:

- (a) **Uso pessoal como auxiliar** o que pode ser verificado pela existência de flexões, como em “Os criminosos haviam fugido da prisão”. Nesse dado, o constituinte “Os Criminosos” funciona como sujeito da locução verbal. Embora haja ampliação da descrição linguística sobre o tipo de construção em que pode ser usado, cabe acrescentar a ausência de informação por

parte do autor de que o sujeito não é exigido pelo verbo auxiliar, mas pelo núcleo do complexo, a forma participial “Fugido”.

- (b) **Uso pessoal como pleno** em que equivale aos verbos *ter*, *obter* e *julgar*, como em “Pedia ao senhor que lhe visse as lágrimas, e houvesse piedade delas”; “Os sentenciados houveram do poder público a comutação da pena” e “Haviam-no por sábio”. Verifica-se compatibilidade semântica com outros verbos da língua, muito pouco apontados nas descrições gramaticais de livros didáticos, assim como mencionados em sala de aula. Equivale, respectivamente, ao verbo *ter* cujo complemento é o sintagma *piedade delas*; a um sentido de obtenção/conquista por parte de um constituinte com papel temático fonte “do poder público” e, por fim, *haviam-no* contém nuance de avaliação, e nesse sentido, equivale aos verbos pensar, julgar e considerar.

O autor cita também (c) **uso pessoal como verbo pronominal** como em “*Todos se houveram com perfeita dignidade*”; “*O soldado houve-se como herói*”; “*Os alunos não se houveram bem nas provas do mês*”; “*Sei viver modestamente e sei também como haver-me na abundância*”; “*Agora o criminoso terá de haver-se com a justiça*” e “*Quem o maltratar comigo se haverá.*”

Nesses usos nos quais *haver se* combina a uma forma pronominal oblíqua átona, o autor afirma que *haver* designa, respectivamente, proceder, portar-se, sair-se e lidar-se. Nos dois últimos dados, acrescenta que, no processo de equivalência às acepções de “*entender-se*” e “*acertar conta*”, a construção ocorre a partir da associação à preposição < com >.

Ainda em relação ao emprego pessoal de *haver*, cita ainda construções que considera *locuções constituídas de haver* e os valores que podem denotar: “Haver mister (de)”: precisar/necessitar; “Haver por bem”: dignar-se/resolver/considerar bom; “Bem haja”: seja feliz, seja abençoado, tenha bom êxito e “*Mal haja*”. Nessa locução, não há indicação da nuance de sentido. É fornecida, entretanto, informação acerca de seu funcionamento sintático. Em “*Mal hajam as desgraças da minha vida*”, “*Mal hajam*” se harmoniza em número e pessoa em decorrência da relação sintática com o sintagma “*as desgraças*”, que funciona como sujeito gramatical, conforme descreve o autor.

Além desses, são indicados usos impessoais. O autor amplia a descrição com uma informação gramatical, afirma que o termo que acompanha o verbo tem estatuto de objeto direto, tendo em vista a impossibilidade de ocorrer sujeito. Nesse emprego, toda a oração ganha *status* de impessoal.

- (d) **Uso impessoal como lexical** nos quais assume os significados de existir, acontecer, decorrer, realizar-se e ser possível, respectivamente, “Há pessoas que se dedicam a obras sociais”; “Houve casos difíceis na minha profissão de médico”; “Há meses que não o vejo”; “Se não chovesse, teria havido outros espetáculos” e “E não houve convencê-lo do contrário.”
- (e) **Uso impessoal como componente de locução adverbial** aponta-se a possibilidade de formação de uma locução adverbial, nela “*haver*” atua como membro constituinte: “De há muito” cujo sentido seria de “desde muito tempo” ou “há muito tempo”. Seguem os exemplos que o autor fornece “De há muito que esta árvore não dá frutos” e “De há muito a imprensa vem alertando o país contra o desmatamento.”
- (f) **Uso impessoal como componente das locuções “*haver que*” e “*haver de*”,** como em “Há que recuperar o tempo perdido” e “Em nosso caso, há de levar em conta o baixo nível de credibilidade da classe política.” Nessas locuções, o autor afirma serem seguidas de infinitivo e que seu significado equivale a “ser necessário”. É importante mencionar a necessidade de revisão, pois, apesar de apresentar certo grau de equivalência, seria necessário explicitar a categoria que expressam, que seria modalidade.
- (g) O autor encerra a seção afirmando que *haver* pode transmitir sua impessoalidade ao verbo que se junta a ele formando locução, como em “Vai haver eleições, em novembro”; “Começou a haver reclamações” e “Parecia haver mais curiosos do que interessados”. Nesses casos, ocorre um **“Uso impessoal como membro principal de uma locução”**.

Apesar de exemplos artificiais, a análise de Domingos Cegalla (2010) demonstra que a multifuncionalidade é uma propriedade que encontra abrigo em sua descrição. Entretanto, isso se dá de modo restrito, pois autores tradicionais, como o aqui focalizado, apesar de enfatizarem seus variados valores semânticos que essas unidades veiculam ou mesmo

ajudam a construir, como naquelas em que *haver* é membro constituinte de expressões temporais, deixam de lado, porém, a exploração da configuração sintática desses usos, tecendo um ou outro comentário disperso, sem sistematicidade. Destaco ser este um trabalho razoável em termos descritivos, pois o autor apresenta “locuções específicas” e descreve *haver* como verbo principal de locução, um papel, sem dúvida, necessário à hipótese de sua polifuncionalidade, apesar de faltar a descrição de usos como o suporte, fato, em certa medida, justificável, uma vez que a tradição não reconhece essa categoria.

3. *Arcabouço teórico-metodológico*

O modelo de análise das estruturas aqui focalizadas é a Linguística Funcional (MARTELOTTA; AREAS, 2003). O Funcionalismo apoia sua análise na observação do uso real, buscando a explicação dos fatos linguísticos em diversos aspectos envolvidos nas situações reais de comunicação, nesta pesquisa, os dados foram retirados de edições do jornal O Globo publicadas em 2013. Defendem esse posicionamento, pois, para esses autores, a língua não se dissocia dessas. Nessa perspectiva, os usuários fazem uso das estruturas linguísticas com a finalidade de interagir, comunicar. (NEVES, 2006), o que nos leva a um dos problemas deste estudo – *Por que aproveitar um item já existente e adaptá-lo para novos contextos de uso?*

Entende-se que, no uso diário da língua, os falantes podem fazer adaptações das formas linguísticas para diferentes contextos discursivos/situações comunicativas. Novas construções podem ser criadas, tornando-se cada vez mais frequentes até se estabilizarem na gramática de uma língua. E essa é a explicação para a inserção de *haver* em novas categorias de uso, o que demonstra que esse item se sujeitou a dinâmicas de mudança.

Dada sua dinamicidade e natureza enquanto organismo vivo, os sistemas linguísticos podem sofrer transformações em sua estrutura, no sentido de transformar itens lexicais em gramaticais ou de acentuar o grau de itens já gramaticalizados.

Com a atuação de processos de gramaticalização, são geradas novas formas linguísticas para funções já existentes ou são atribuídas novas funções para formas linguísticas já existentes, o que é mais eficiente e menos custoso em termos cognitivos, porque o falante/escrevente se

aproveita de material pré-existente/disponível na língua. A ocorrência de processos dessa natureza permeia toda a linguagem humana, o que faz da gramática um bloco emergente (HOOPER, 1991). A não estaticidade da língua altera, portanto, o estatuto dos itens representativos, como os verbos e faz da gramática um produto inacabado.

Processos de gramaticalização verbal promovem a recategorização dos verbos lexicais em verbos gramaticais, trajetória de aceitação consensual entre os linguistas. O verbo lexical é pleno de significação, seu conteúdo faz menção a processos do universo biopsicofísicosocial. Já entre os verbos gramaticais, encontram-se, prototipicamente, dois tipos de categoria, uma que atua sobre a forma nominal de outros verbos, os verbos auxiliares, e outra que atua sobre nomes com emergente função secundária predicante, os verbos suporte.

Apesar do escopo de atuação dessas duas categorias ser diferente, ambas são, auxiliares, dado que marcam categorias gramaticais como tempo e aspecto, apesar de aquela também veicular, ainda, modalidade e voz e essa, dentre outras funções, atribuir estatuto de oração à estrutura sintática em que está inserida.

A gramaticalização sujeita-se a pressões do uso, na medida em que opera em um determinado domínio discursivo. Neste estudo, propõe-se que a mudança por que passa *haver* ocorreu no domínio jornalístico². A divergência, um de seus princípios, diz respeito à preservação da unidade lexical da qual emergiu a forma gramaticalizada. Esse princípio regula, então, a conservação da forma fonte. Na língua portuguesa, parece que *haver* lexical foi mantido e, por isso, chegou a (i) instaurar polifuncionalidade, (ii) sofrer um segundo percurso de gramaticalização³ e (iii) conviver com todas as suas formas gramaticalizadas.

Outro princípio apontado por Hooper (1991) relevante para essa pesquisa é a persistência segundo o qual na forma gramaticalizada parece persistir certa nuance de significado ou propriedades sintáticas da forma-fonte. A categoria de verbo suporte, por exemplo, conserva ligação com um constituinte nominal, à semelhança dos usos predicadores aos quais

² Em estudo posterior, pretende-se, com base em Esteves (2008), analisar, detalhadamente, o processo de gramaticalização de verbo lexical a verbo suporte desse item nesse e em outros domínios discursivos, o que demanda, dentre outras, a ampliação do *corpus*.

³ Não sabemos precisar qual tipo de gramaticalização terá sido o primeiro (do léxico a auxiliar ou do léxico a verbo suporte).

sintagmas desse tipo se incorporam como objeto direto. Com a decategorização, explica-se a aquisição de propriedades gramaticais como o é a marcação de número-pessoa por parte do auxiliar *haver* e semi-gramaticalizadas, como *haver* semiauxiliar que marca a modalidade deôntica.

Nessa visão funcionalista de linguagem, a língua, então, (i) não é um objeto autônomo, dissociado de seus usuários; (ii) molda-se conforme o contexto discursivo; (iii) é uma estrutura em constante mutação sob a qual incidem processos como a gramaticalização; (iv) é um instrumento de interação/comunicação e (v) deve ser analisada nas situações reais de comunicação. Tendo em vista esses princípios, coletaram-se, em oito edições do jornal “O Globo”, diferentes usos do item *haver* da língua portuguesa, distribuídas por três gêneros textuais (carta de leitor, crônica jornalística e artigo de opinião).

Optou-se pelo domínio jornalístico por ser ele o que melhor ilustra a norma culta contemporânea e ser, nesse sentido, a mais provável fonte de usos de um item marcado pelo crescente índice de desuso, como o é *haver*. A seleção desse domínio discursivo justifica, ainda, a preferência por dados representativos da escrita, porque essa modalidade expressiva é mais conservadora. Assim, acreditou-se que um contexto comunicativo de escrita culta fosse o mais propenso ao aparecimento desse item, supostamente desaparecido em outras situações de monitoramento linguístico. Com a coleta dos dados realizada, procedeu-se à análise qualitativa bastante simplificada que se deteve em duas funções (i) categorização de cada uso coletado e (ii) descrição sintático-semântica dos exemplos representativos dessa categoria.

Poder-se-iam explorar aspectos de variada natureza gramatical, o que se deseja em trabalhos futuros com um número mais expressivo de dados. Seja textual-discursivo, buscando-se investigar a frequência de cada categoria linguística em função do gênero e/ou da tipologia; seja gramatical, buscando-se descrever a estrutura gramatical de cada categoria, no sentido de indicar sua seleção argumental, a forma sintagmática dos constituintes que seleciona, seus papéis temáticos, entre outras condições sintático-semânticas (como o traço de + humano ou – humano).

4. Análise dos dados: As categorias linguísticas em foco

(A) *Haver* usado em predicados verbais, na categoria de verbo predicador denotando existência e ocorrência.

(i)	<i>Na última reunião descobriu-se que não <u>havia</u> uma pessoa autorizada para assinar o documento definitivo. Por algum motivo, a ordem da presidente não foi obedecida, e os aposentados ficarão sem natal! (O Globo/8-12-2013)</i>
(ii)	<i>A urgência de encontrar respostas para a demanda também não pode atropelar normas. <u>Há</u>, por exemplo, prazos estabelecidos pelo estatuto do torcedor para a implantação de alterações em calendários, torneios etc. (O Globo/8-12-2013)</i>
(iii)	<i>No caso de Joiville, <u>houve</u> duas facções se defrontando. (O Globo/11-12-2013)</i>
(iv)	<i>Reforma previdenciária: nosso modelo atual é uma bomba relógio, e não <u>há</u> elo algum entre o que foi poupado e o que é recebido de aposentadoria. Precisamos de contas individuais e um modelo de capitalização de preferência privado, como é no Chile. (O Globo/11-12-2013)</i>
(v)	<i>“Mas, como costuma <u>haver</u> grande contaminação ideológica e política toda vez, nos últimos anos, que se discutem reformas na Lei Rouanet, o projeto, com este fim, de criação do Programa Nacional de Fomento e Incentivo à Cultura (Procultura), relatado pelo deputado Pedro Eugênio (PT-PE), precisa ser acompanhado de perto”. (O Globo/23-12-2013)</i>
(vi)	<i>A segurança também será afetada, pois o mínimo que se terá de fazer, mesmo que se more no quadragésimo andar, é manter as janelas fechadas, se possível com vidraças blindadas. Até os helicópteros particulares poderão ser atacados e sequestrados por quadrilhas de drones. Ficará mais fácil para a polícia patrulhar grandes áreas e terminaremos com batalhas de drones, em que não vai <u>haver</u> baixas nem na polícia nem entre os bandidos. (O Globo/8-12-2013)</i>

O uso de *haver* na categoria de verbo pleno, situado, portanto, no polo lexical, organiza um predicado verbal que pode denotar dois significados, o de existência como em (i), (ii), (iii) e (iv) e o de ocorrência como em (v) e (vi). Embora haja diferença de significado, esse uso projeta uma estrutura sintática que seleciona um só constituinte de natureza argumental, com o papel sintático de objeto direto. Os sintagmas, de natureza nominal, que funcionam com esse estatuto nas orações são, respectivamente, “uma pessoa autorizada”; “prazos estabelecidos pelo estatuto do torcedor”; “duas facções se defrontando”; “elo algum entre o que foi poupado e o que é recebido de aposentadoria”; “grande contaminação ideológica e política” e “baixas”.

A semântica dos argumentos selecionados por essa categoria foi de natureza diversa nos exemplos aqui em análise. No sentido de exis-

tência, perceba que esse argumento pode ser não-animado, como o são os casos em (ii) e (iv) ou animado (i), que é humano e (iii) que representa uma coletividade humana, além de demonstrar que, nessa categoria, abre-se margem para complementos abstratos, como os dois primeiros.

Por outro lado, quando a categoria designa ocorrência é predominante a presença de constituintes inanimados e com semântica de evento, como são os núcleos “contaminação” e “baixas”. Não se acredita, entretanto, que a semântica de ocorrência emergja exclusivamente da posição de núcleo de locuções como foram os dados aqui em análise, uma vez que (v) aparece modificado por um auxiliar que denota aspecto habitual e (vi) pelo auxiliar ir, que denotou tempo futuro. E esses seriam recursos gramaticais que colaboram com a construção da semântica de evento.

(B) *Haver* usado em predicções de qualquer tipo, na categoria léxico-gramatical como constituinte de expressões que designam temporalidade.

(vii)	<i>Há quatro meses, cientes dos protestos e das sentenças da justiça em favor dos aposentados, a presidente Dilma determinou que elaborassem um acordo para a solução do problema, pois os recursos do Aerus terminam no próximo mês. Reuniões foram feitas, mas sempre faltou alguma coisa: um documento, uma assinatura... (O Globo/8-12-2013)</i>
(viii)	<i>Há, não muito, por exemplo, era cafejastada para os homens e impensável para as mulheres fazer comentários sobre performances sexuais de ex-parceiros. (O Globo/8-12-2013)</i>
(ix)	<i>Há tempos pedíamos a pavimentação. O Globo, Cartas dos Leitores: Sonho de dias melhores vira pesadelo. (O Globo/11-12-2013)</i>

Em (vii), (viii) e (ix), têm-se o uso de *haver* numa categoria de natureza híbrida que se acredita estar num estágio de gramaticalização inicial, pois, ainda, há forte nuance lexical, que se pode atribuir à presença de um sintagma nominal que lhe parece incorporado à semelhança de um objeto direto. Somam-se a isso, as propriedades de alguns desses constituintes, eles são, sintaticamente, representados por um sintagma nominal, além de serem abstratos, como “quatro meses” e “tempos”. Essa forma sintagmática e o traço [+ abstrato] aproxima esse uso do polo lexical, uma vez que os constituintes listados em (a) podem também ser abstratos.

Nessa categoria, o item *haver* é acompanhado por um sintagma nominal que indica tempo, respectivamente, “quatro meses”, “muito” e “tempos”. O exemplo (viii) apresenta uma espécie de eclipse dessa expressão numérica que sugere imprecisão com relação a esse tempo, o que também ocorre em (ix). Assim, propõe-se aqui que o verbo *haver* se

especializa junto a um sintagma nominal, frequentemente, nucleado por um numeral ou não, como o intensificador “muito”, para expressar uma categoria gramatical, o que confere a usos dessa configuração uma natureza não só lexical. Essa categoria gramatical é o tempo, que pode ser preciso ou vago/não específico. Este parece especializar-se ainda na indicação passada, mas esse fato carece de maior investigação.

Dada sua gramaticalidade, *haver* parece funcionar como constituinte de expressões temporais e toda essa expressão em que se combinar a esses elementos numéricos funciona, sintaticamente, como um adjunto adverbial oracional que modifica, respectivamente, as ações de *determinar*, *ser*, predicacões de tipo nominal, e *pedir*, ao indicar temporalidade. Paiva (2010) sugere a cristalização formal do verbo a uma expressão numérica quando *haver* é inserido nessa categoria híbrida de temporalidade. Essas estruturas que funcionam em bloco “há quatro meses”, “há não muito” e “há tempos” sugerem ainda casos de justaposição (RODRIGUES; GONÇALVES, 2015), uma vez que apresentam verbo flexionado e ausência de conectivo.

(C) *Haver* usado em predicacões de qualquer tipo, na categoria gramatical de verbo auxiliar

(x)	<i>Uma vez, quando tomei parte numa homenagem ao professor Richard Moneygrand, em New Caledonia, Estados Unidos, depois das formalidades fui à sua casa para fechar a noite. Moneygrand estava muito feliz. <u>Havia</u> bebido bem, mas não perdera a compostura, pois nele o mero álcool apenas acentuava o seu desprendido amor pelos outros, inclusive pelos mais ferozes inimigos: o grupo contrário ao estudo do Brasil como algo distinto da “América-Latina” na sua universidade. Na ocasião desse último trago, ele comentou comigo que havia tido uma conversa extraordinária com uma mulher e como essa criatura lhe fora simpática, amável e até mesmo atraente, apesar da idade. (O Globo/11-2013)</i>
(xi)	<i>Na casa de Miriam e Eduardo Raposo, onde fui celebrar os elos de simpatia que cimentam o departamento de ciência sociais da Puc-Rio, ouvi do filho do casal, o Ian, a seguinte história: -Professor Roberto, olhe o que me aconteceu. Estava na praia e dela brotou um Hippie que vendia artesanato. Ele <u>havia</u> abandonado sua casa e família para viver na rua. Curioso, perguntei o que o havia feito tomar esse caminho. A resposta lhe interessa professor. Ele me disse o seguinte: eu decidi largar tudo depois de ter lido um dos livros do Roberto Damatta. Qual? - perguntei, entre o aflito e o curioso.- não me lembro. Talvez “A casa e a rua” ou “carnavais, malandros e heróis”. (O Globo/ 11-12-2013)</i>

Os dados em destaque aqui na seção (c) revelam um estágio confluído de mudança por gramaticalização no eixo verbo pleno-verbo auxiliar, este associado à aquisição de todas propriedades típicas de verbos

auxiliares. A partir desse processo, têm-se uma extensão gramatical dos usos de *haver*, com sua utilização na língua portuguesa como verbo auxiliar, categoria que atua sobre outra forma verbal. Os verbos auxiliares exprimem quatro categorias gramaticais tempo, modalidade, voz e aspecto. Esse uso auxiliar já aparece descrito nos estudos tradicionais da gramática e restringe-se, exclusivamente, à carga semântica de tempo, com comentários ainda sobre voz verbal. Trata-se, portanto, de um caso descrito pela tradição, por ser prototípico, no sentido de ter passado por todos os parâmetros de auxiliaridade.

Nesses casos, ocorreu a formação das perífrases verbais “havia bebido” e “havia abandonado”. Nessas estruturas, essas auxiliares parecem restringir-se à expressão de um só tempo, o passado, como mostram (x) e (xi). Outra restrição é o verbo principal estar sempre na forma nominal de particípio. Gramaticalmente⁴, o sujeito pode vir expresso, como em (x), ou não, como em (xi). Parece não haver, porém, maiores restrições quanto ao predador central da perífrase, este pode ser intransitivo, caso (x), que aparece modificado por “bem”, ou não como (xi) que é transitivo direto.

(D) *Haver* usado em predicções de qualquer tipo, na categoria gramatical de verbo semiauxiliar

(xii)	<i>Há que se cobrar</i> responsabilidade individual pelos atos de cada um, e punir com severidade aqueles que desrespeitam as leis. A impunidade é o maior convite ao crime. Bandidos mascarados que fingem ser jovens idealistas também precisam ser enfrentados com todo rigor da lei, não importa o quanto recebam de apoio dos artistas e intelectuais da esquerda caviar. (O Globo/12-11-2013)
(xiii)	<i>Há que haver</i> um corpo docente altamente qualificado e bem remunerado, pois nada neste mundo acontece por acaso: eis a fórmula. (O Globo/07-12-2013)
(xiv)	<i>Há também que considerar</i> o inconveniente das defasagens de prazos: o passar do tempo faz esvair a utilidade das informações. (O Globo/07-12-2013)

Machado vieira (2004) assume um *continuum* de gramaticalização verbal a partir do qual essas unidades adquiririam propriedades (mais) gramaticais de forma gradual. A autora, que se detém num trabalho exaustivo de categorização de verbos do português, aponta diferentes

⁴ Em trabalho futuro, pretende-se verificar, mais detalhadamente, o uso de *haver* nessa categoria com o intuito de investigar se esse auxiliar combina-se com formas verbais de variada transitividade, dentre outras características gramaticais.

graus de gramaticalização e entende os usos semiauxiliares de *haver* como decorrentes de uma gramaticalização quase completa, diferente dos usos listados em (c) em que os auxiliares denotam tempo, empregos descritos na tradição gramatical, além de combinarem-se ao particípio, o que em usos modais não ocorre, uma vez que nesses usos *haver* amalgama-se a formas nominais de infinitivo.

Em (xii), (xiii) e (xiv), o semiauxiliar passa a ser usado para a expressão da categoria gramatical de modalidade. A modalidade representa a indicação das opiniões dos usuários sobre o que se diz ou a imposição de deveres/obrigações. Em (xii) e (xiv), há noção dos significados de necessidade/obrigatoriedade, em (xiii), há, ainda, nuance de probabilidade. A presença obrigatória da partícula “que” revela congelamento/cristalização, traço formal da atuação de um percurso de gramaticalização, da forma *haver* nesse uso. Ao que parece, essa categoria linguística está circunscrita à modalidade deontica, além de veicular uma sutil nuance de tempo futuro.

(E) *Haver* usado em predicções verbo-nominal⁵, na categoria gramatical de verbo suporte

(xv)	<i>Apesar de avanço, houve crescimento nas taxas de infecção entre homossexuais. (O Globo/8-12-2013)</i>
(xvi)	<i>Não há dúvida de que a renda e a riqueza continuam extraordinariamente concentradas (O Globo/07-12-2013)</i>

Nesse contexto, observa-se que o verbo *haver* não funciona como único núcleo da predicção. Ele se combina a um termo de natureza não verbal e juntos funcionam como uma unidade predicante complexa. Esse uso é o suporte de categorias gramaticais, é *haver* o responsável por indicar categorias de tempo, modo, por exemplo. Esse tempo e modo são variados, como mostrou Moura (2017) e também os dados acima, um no pretérito perfeito e outro do presente, ambos no modo indicativo.

A associação do verbo *haver* a um nome nuclear com função predicante resulta na estruturação de uma predicção verbo-nominal. Combinados em bloco, exigiram, nos dados em análise, um complemento, que aparecer regido de preposição “nas taxas de infecção entre homossexuais”. Esse nome apresenta variada natureza semântica, pois em (xv) é um evento e em (xvi) designa um estado. Este revela, ainda, ser o uso

⁵ Toma-se a expressão verbo-nominal para indicar a combinação de um verbo suporte a um nome predicante.

suporte passível de negação. Em trabalho posterior, pretende-se averiguar a possibilidade de outras modificações.

(F) *Haver* usado em predicções verbo-nominal, na categoria gramatical de verbo semissuporte

(xv)	<i>Nunca antes na história deste país <u>houve tanto debate</u> sobre educação. É saudável e pode até resultar em boas alternativas. O risco está no assembleísmo, onde cada reunião é apenas um prelúdio para a seguinte. (O Globo/12-11-2013)</i>
------	---

Tem-se, em (f), a última categoria a ser descrita, a de semissuporte, a qual revela a parcialidade de um percurso de gramaticalização em direção à transformação de uma unidade fonte lexical à categoria de verbo suporte. O verbo semissuporte apresenta forma morfológica semelhante a que o uso suporte pode manifestar-se e o elemento nuclear também, trata-se de um nome que denota evento. Entretanto, sobre ele incidiu o intensificador “tanto”, o que lhe atribui o status de categoria híbrida. Em trabalho futuro, com a ampliação da amostra, pretende-se mostrar outras possibilidades linguísticas que contribuem com a atribuição de estatuto de semissuporte e analisar a natureza semântica do nome predicante, se essa restringe-se a nomes eventivos.

5. Considerações finais

A polifuncionalidade da forma verbal *haver* deveu-se, como apontado em Raposo *et al.* (2013,) à reanálise (reinterpretação categorial), fazendo que o item tivesse seu emprego estendido para novas situações de uso, ao menos, no discurso jornalístico. Mostrou-se que em cada categoria *haver* assume configurações formal e semântica variadas e o aproveitamento desse item para essas outras funções parece ter na economia cognitiva sua explicação. Pretende-se, com a ampliação significativa dos dados, aprofundar essa pesquisa com trabalhos futuros cujos encaminhamentos serão, dentre outros já apontados neste texto, os seguintes (i) aprofundar a investigação sobre a funcionalidade, no sentido de detectar propriedades estáveis em cada categoria (ii) averiguar sua produtividade em termos quantitativos, (iii) sua usualidade em outros gêneros discursivos, (iv) em outros domínios discursivos, (v) oferecer uma abordagem construcional das categorias de uso de *haver* e (vi) investir em estudo detalhado sobre a construção do envelope da variação, uma vez que as variantes em jogo em cada construção são variadas. Na construção temporal (MACHADO VIEIRA, 2008), por exemplo, *haver* pode compatibi-

lizar-se apenas com *fazer* e *ter*, ao menos, na expressão de tempo decorrido, enquanto, no discurso acadêmico, pode intercambiar por formas como *ter* e *tem-se* (SARAIVA, 2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEGALLA, Domingos Paschoal Cegalla. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 2010.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios; MARTELOTTA, Mário (Orgs). *Linguística Funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONÇALVES, Sebastião Carlos; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristia (Orgs). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

MACHADO VIEIRA, M. S. dos. Haver, ter ou fazer na expressão de tempo decorrido. In: Claudia Roncarati; Jussara Abraçado. (Orgs). *Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. 1. ed., v. 1. Niterói: UFF, 2008. p. 192-202.

_____. Perífrases verbais: o tratamento da auxiliaridade. In: Silvia Rodrigues Vieira; Silvia Figueiredo Brandão. (Orgs). *Morfossintaxe e ensino de português: reflexões e propostas*. 1. ed., v. 1. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras - UFRJ, 2004. p. 65-96

MOURA, Bismarck. *Construções verbo-nominais no português: haver + nome predicante*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Dissertação de Mestrado, 2017.

PAIVA, Maíra. *Há muito tempo atrás: Um estudo sobre haver + nome com valor temporal*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, UFRJ. Dissertação de Mestrado, 2010.

RAPOSO, Eduardo de Paiva (Org.). *Gramática do português*. 1. ed. Lisboa: Fundação Callouste, 2013.

RODRIGUES, V. V.; GONÇALVES, A. C. L. *Comprou, levou? Justaposição: procedimento sintático comum em propagandas. Letrônica*, 8(2), 409-21, 2015.

SARAIVA, Eneile Santos. *A construção TEM-SE no Português Brasileiro escrito: uma análise sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado). UFRJ/FL, Programa de Pós Graduação em Letras Vernáculas, 2013.

VITÓRIO, Elyne Giselle de S. L. A. *As construções existenciais com ter e haver: o que tem na fala e o que há na escrita. Domínios de Lingu@Gem*, v. 7, 2013.